A Feira-Livre de Três Lagoas-MS: Comércio e Reprodução

Fernando Carmona de Moraes Falco[1]
Thiago Araujo Santos[2]

(X) Trabalho Científico **( ) Relato de Experiência**

Eixo: Territoriais na Cidade e No Campo

RESUMO: Esse trabalho faz parte de um trabalho de Monografia ainda em andamento, que tem como seu objetivo compreender a Feira-Livre de Três Lagoas-MS como forma de resistência tanto popular quanto cultural. Através de revisão bibliográfica e entrevistas semi-dirigidas com o coordenador da feira, o representante dos feirantes, com feirantes e com os frequentadores busca-se compreender esse espaço, sua importância e sua organicidade.

PALAVRAS-CHAVE: Feira-Livre, Canais curtos de comercialização, Cultura, Resistência

A FEIRA LIVRE DE TRÊS LAGOAS

A Feira Livre é um lugar singular, e essa singularidade que define esse espaço em suas diversas manifestações pelo país, cada uma com suas características, mas que têm em comum o contraste com o todo o seu redor. Essas singularidades impressionam a tudo e a todos, as relações que permeiam esses espaços têm sido retratadas de diversas formas, seja através da música “Feira de Caruaru” de Luiz Gonzaga, ou por Sivuca e Glorinha Gadelha, em sua “Feira de Mangaio”, temos também Mc Batata com sua “Feira de Acari”, além das representações desses espaços nas telas de Tarsila do Amaral “A Feira”, bem como do poema “A Feira” de Úrsula Avner, entre outros.

Para entendemos esse espaço é importante escutar a “gritaria” dos comerciantes que com suas astúcias buscam anunciar seus produtos e promoções, observar a diversidade de produtos que são expostos, estes que se fazem atemporais pois, com essa diversidade, vemos traços das primeiras feiras no “Velho Mundo” com os comerciantes que traziam temperos, “especiarias” de suas

[1] Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) – (nandocmfalco@gmail.com)
[2] Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – (thiagosantos.ufms@gmail.com), orientador.

expedições, da diversificação dos gêneros alimentícios vindos de outras localidades, mas também produzidos pelos produtor local, as produções de tapetes e artes pelos primeiros artesões. Todas essas produções que alimentavam as primeiras feiras ainda hoje fazem parte desse espaço.

Mas esse espaço vai além de um espaço atemporal. Quem já foi numa feira? Ou melhor, quem nunca foi? Quem nunca se sentiu em casa nesse espaço? Quem nunca usou 10, 15 ou 20 minutos conversando com o comerciante ou com o produtor? A racionalidade que envolve esse espaço se faz resistência ao que estamos acostumados (mercado moderno, auto-atendimento), esse espaço da Rua (MATTA, 1985) onde muitas vezes a Feira se confunde com a relação de nossas casas através da construção de uma proximidade. Trata-se, assim, de uma racionalidade que permite os comerciantes, produtores, consumidores, artistas, se relacionarem de modo a não só se conhecerem, mas também permitindo o consumidor saber a origem do produto a ser consumido e a forma de produção. Ademais, este espaço de comércio especial abre a possibilidade de o produtor descobrir novas necessidades de produtos e serviços demandados por seus fregueses.

A feira-livre é uma demanda tanto do setor inferior da economia onde surge como uma oportunidade para que os pequenos produtores e comerciantes tenham seu espaço de comercialização de forma direta, como também por parte da sociedade que tem nesses espaços uma opção de produtos mais baratos e de qualidade, permitindo ainda a aproximação entre os sujeitos. Temos também uma demanda urbana causada também pelos diversos períodos de inchaço devido às várias frentes migratórias com a chegada de empreendimentos industriais.

Observa-se que esse espaço ao mesmo tempo em que se faz resistência ao modelo moderno de comercialização, por constituir, eventualmente, a aproximação entre produção e consumo, é incorporado ao todo através das relações econômicas dos circuitos superiores da economia, com a implementação das máquinas de cartões, cada vez mais presentes nas barracas, que através de tributo pelo serviço, grandes corporações financeiras conseguem retirar parte da renda desses comerciantes/produtores.

Assim, buscando evidenciar aspectos dessa realidade complexa, essa pesquisa se constrói através de revisões bibliográficas e entrevistas semi-dirigidas, mas não somente, uma vez que para entender esse espaço se faz importante viver, conversar, para assim conseguir compreender como o mesmo se constrói e se reconstrói em todo início e fim de dia em que ocorre. Através da pesquisa buscamos entender esse espaço pelo viés das diferentes espacialidades do todo urbano, com Lefebvre(2001) e Santos (2002), e também através da ótica do desenvolvimento que o município passa através de sua história, considerando a metamorfose pelo qual esse espaço passou com Robles (2008), Silva (2013), Aranha-Silva (2010) e Milani (2012). Esta abordagem se relaciona ao estudo *no chão da feira*, buscando captar o movimento entre o pessoal (Casa) e o impessoal (Rua), com o apoio de Matta (1985), que se complementa com Almeda (2015) e Singer (1997). Ambos abrem a possibilidade de entendermos as razões da importância desses canais curtos de comercialização para os feirantes, relevância manifestada na fala de um feirante, quando afirma: “A feira para mim é tudo porque eu sobrevivo da feira né, hoje não tenho outra renda mensal a não ser a feira, eu sobrevivo cem por cento da feira hoje”[3].

Em Três Lagoas, a Feira-Livre municipal se localiza hoje na Av. Dr. Rosário Congro, próximo ao Hospital Nossa Senhora Auxiliadora. O município possui três feiras, a de sábado de manhã (a mais antiga), e duas noturnas, realizadas às segundas e quartas (mais recentes). Mas, ao longo de sua história, a Feira teve sua forma e estrutura modificadas, passando para prédios construídos para abrigá-la e retornando para a rua, devido à demanda popular no decorrer do desenvolvimento econômico de Três Lagoas. Através desse processo se faz perceber que a resistência promovida por esse espaço é composta por estruturas e funções definidas em acordos sociais, onde as tentativas de trancafiá-la e engessar em estruturas e normatizações verticais (modernas) fizeram com que ela sempre encontrasse na rua e no encontro com o social o meio de sua flexibilização.

[3] Entrevista com um Feirante, concedida ao autor em sua barraca em 24/03/2018, Feira de Três Lagoas-MS.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA-SILVA, Edima. **Produção de moradias e expansão da periferia:** nova dinâmica territorial urbana em Três Lagoas/MS. X Encontro de História de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas: Ed. UFMS, p. 403-423, 2010.

MATTA, Roberto da. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo, 1985.

ALMEIDA, Rosemeire A. de **DINAMIZANDO A AGRICULTURA CAMPONESA E O CONSUMO AGROECOLÓGICO EM TRÊS LAGOAS-MS**. Anais. Goiânia/GO. SINGA, 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. Edusp, 2002.

MALUF, Renato Sergio**. Mercados agroalimentares e a agricultura familiar no Brasil: agregação de valor, cadeias integradas e circuitos regionais**. Ensaios FEE, v. 25, n. 1, 2004.

SINGER, Paul et al. **Economia Solidária: geração de renda e alternativa ao liberalismo**. Revista proposta, v. 72, p. 5 citation_lastpage= 13, 1997.

RIBEIRO. G. B. Produção do espaço urbano e consumo. **Os circuitos da economia urbana em cidades médias: Presidente Prudente (SP)**. In: XVII ENAPUR, 2017, São Paulo, título do documento, S ESSÃO T EMÁTICA 3: PRODUÇÃO E GESTÃO DO ESPAÇO URBANO, METROPOLITANO E REGIONA.

MILANI, Patrícia Helena; SILVA, Edima Aranha. REORDENAMENTO TERRITORIAL INTRAURBANO DE TRÊS LAGOAS. **Revista Eletrônica AGB-TL**, v. 1, n. 16, p. 92-121, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. Edusp, 2002.

LEFEBVRE, Henri; **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

SILVA, Cristovão Henrique Ribeiro da. **A lógica da territorialização da Indústria:** o parque industrial em Três Lagoas - MS de 1990-2010. 2013. 205 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.